

## Breve estudo do *shibollet* da psicanálise, complexo de Édipo de Freud aos contemporâneos

DARIO PEREZ BASTOS

O termo *Shibollet* foi usado por Freud em *O ego e o id* (1923), como sendo senha, convencional de identificação, palavra cuja pronuncia identifica um grupo. Freud, em nota de rodapé em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), escreve que o reconhecimento do Complexo de Édipo tornou-se a senha que distingue os psicanalistas de seus oponentes, ou seja, um *Shibollet*. O presente trabalho analisa três textos freudianos estudados no seminário de Freud III: *Totem e tabu*, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* e *A dissolução do complexo de Édipo*, visitando outros autores psicanalíticos que analisam a importância deste mito na teoria e clínica psicanalítica.

Seguindo os passos de Freud no mundo imaginário do complexo de Édipo, iniciaremos com o texto *Totem e tabu* (1912), onde utiliza o mito totêmico como um *Shibollet*. Neste texto Freud nos convida a compreender que a lei do totem, objeto sagrado, é um tabu. Quanto mais sagrado e venerado o totem, maior o horror ao incesto. O homem primitivo instaurou as leis como forma de impedir que o primitivo se torne manifesto.

Narra a história dos irmãos culpados pela morte do pai que criam, sob a forma de tabu, as duas normas que regem a sociedade primitiva: a proibição do incesto e o parricídio.

A psicanálise revelou que o animal totêmico é o substituto do pai. Freud (1912) comenta que existe uma contradição: embora a morte do animal seja uma regra proibida, a matança é festiva. A atitude ambivalente - morto e lamentado - caracteriza o complexo-pai em nossos filhos e com frequência na vida adulta.

O pai primevo, chefe da horda, era temido e invejado pelos irmãos. Ao matar e devorar, identificaram-se com ele. A refeição totêmica seria uma repetição, uma comemoração memorável e criminosa, o início da organização social, das restrições morais e religiosas.

Freud (1912, p. 146) escreve:

Precisamos apenas supor que a tumultuosa malta de irmãos estava cheia dos mesmos sentimentos contraditórios que podemos perceber em ação nos complexos-pai ambivalentes de nossos filhos e de nossos pacientes neuróticos. Odiavam o pai, que representava um obstáculo tão formidável ao seu anseio de poder e aos desejos sexuais; mas amavam-no e admiravam-no também.

Ao matar o pai, é satisfeito o ódio, identificam-se e passam a ter sentimentos contraditórios em relação a ele. Brota o remorso e surge a culpa. O que proibiram em vida passa a ser proibido para os filhos. Apagam seu ato parricida proibindo a morte do totem, o pai substituto. Renunciam seus frutos negando para si as mulheres que foram libertadas. Assim, oprimidos pela culpa, instalam os tabus fundamentais, que correspondem aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo: a morte do pai e a conquista da mãe (parricídio e incesto). A sociedade se instaurou sobre a cumplicidade de um grande crime.

O totem é uma tentativa de apaziguar a culpa e provocar uma espécie de reconciliação com o pai, um pacto onde esse prometia tudo o que a imaginação infantil espera de um pai: por um lado, cuidado e proteção, por outro, promessa de respeito a sua vida para não repetir a morte do pai real.

O totemismo para Freud (1912, p.148) é uma tentativa de autojustificação: “Se nosso pai nos houvesse tratado da maneira que o totem nos trata, nunca nos teríamos sentido tentados a matá-lo. Desta maneira, o totemismo ajudou a amenizar a situação e tornou possível esquecer o acontecimento a que devia sua origem”.

O complexo de Édipo é o complexo nuclear das neuroses e constitui a parte essencial do conteúdo delas. Representa o ápice da sexualidade infantil e seus efeitos posteriores influenciam na sexualidade dos adultos.

Todos os que nascem neste planeta veem-se ante a tarefa de dominar o complexo de Édipo; quem quer que deixe de fazê-lo é vítima da neurose. Com o progresso dos estudos psicanalíticos, a importância do complexo de Édipo tornou-se cada vez mais claramente evidente; seu reconhecimento tornou-se a senha que distingue os adeptos da psicanálise de seus oponentes (FREUD, 1905, p. 233, nota de rodapé).

A importância do processo edípico é descrita por Freud como uma das mais significativas e mais dolorosas realizações psíquicas da puberdade. Caracteriza-se pelo desligamento dos pais, um processo que sozinho torna possível a oposição entre a nova e a velha geração, importante para o progresso da civilização. Há alguns que nunca suplantam a autoridade dos pais e retiram sua afeição deles incompletamente ou não retiram de forma alguma.

No texto *A dissolução do complexo de Édipo* (1924), Freud enfatiza pela primeira vez as diferenças no desenvolvimento da sexualidade dos meninos e das meninas. Salienta a importância do complexo de Édipo como um “fenômeno central” da primeira infância. Após isto ocorreria sua dissolução, sucumbe à regressão, seguindo o período de latência. Freud salienta que a ausência da satisfação esperada, a negação continuada do bebê desejado, ao final, deve levar o pequeno amante a abandonar seu anseio sem esperança. Assim o complexo de Édipo se encaminha para a destruição pela sua falta de sucesso e falta de possibilidade interna. Outra visão é a de que o complexo de Édipo deve ruir porque chegou a hora da sua desintegração, tal como os dentes de leite caem quando os permanentes começam a crescer. Embora a maioria dos seres humanos passe pelo complexo de Édipo como uma experiência individual, ele constitui um fenômeno que é determinado e estabelecido pela hereditariedade e que está fadado a findar de acordo com o desenvolvimento. Porém, conforme os estudos do desenvolvimento sexual, uma criança avança até uma determinada fase na qual o órgão genital assume o papel principal. Para Freud este órgão genital é apenas o masculino, o pênis. O genital feminino permanece irrevelado. Esta fase para ele é a fálica, contemporânea do complexo de Édipo, onde os órgãos genitais têm sua importância e, pelo prazer da manipulação, sofrem ameaça dos adultos com a castração. No menino há a fantasia da perda do pênis, uma vez que existem outros seres, como as mulheres, que não têm pênis. Então renuncia o amor ao objeto para preservar seu órgão genital; o ego da criança abandona o complexo de Édipo. Os investimentos ao objeto são deixados e substituídos por identificações; a autoridade do pai ou dos pais é introjetada no eu e aí forma o núcleo do supereu, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo o Eu do retorno do investimento libidinal. As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo

são em parte dessexualizadas e sublimadas (coisa que provavelmente acontece com toda transformação em identificação) e em parte inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição. Todo o processo, por um lado, preservou o órgão genital – afastou o perigo de sua perda – e, por outro, paralisou-o – removeu sua função. Este processo introduz o período de latência, que agora interrompe o desenvolvimento sexual da criança. Freud chamou este mecanismo de repressão. Fica a seguinte questão: o complexo de Édipo é dissolvido ou permanece reprimido no inconsciente, podendo se manifestar mais tarde de forma patogênica?

Para Freud a anatomia é o destino diferenciando no processo de castração da menina da seguinte forma: por não ser possuidora de pênis, desliza o desejo de ter um pênis para o desejo de ter um bebê. Seu complexo de Édipo culmina com o desejo de que recebeu do pai um bebê como presente. Tem-se a impressão de que o complexo de Édipo é gradativamente abandonado, uma vez que esse desejo jamais se realiza, permanecendo fortemente investido no ícs, para assumir seu papel feminino posteriormente. Na menina ocorre uma inibição da sua sexualidade, porém Freud salienta que sua teoria sobre o complexo edípico na menina é uma teoria vaga e incompleta, sujeita a futuras avaliações.

Este conceito freudiano de que a anatomia é o destino na dissolução do complexo de Édipo parece ser revisado na psicanálise contemporânea, dando importância a substituição dos desejos incestuosos por identificações. Laplanche (2013) escreve que o complexo de Édipo para Freud é biológico, heteronormativo: menino ama mãe, menina ama pai e no caminho, o parricídio, sendo universal porque é biológico. Para o autor, o bebê será cuidado por adultos, podendo redundar em vários arranjos amorosos. O inconsciente nasce do percurso antropológico e não biológico. O vetor do Édipo do bebê, para o adulto, inverte o desejo, vem do adulto para a criança. O conjunto de mensagens, códigos, esquemas é endereçado pelos adultos, introduzindo a criança no mundo adulto. A criança se humaniza com esse conjunto, ou seja, só pode se humanizar na medida que recebe. Núcleo no inconsciente, o Édipo é um dos grandes esquemas de recalçamento, compõe o eu consciente e inconsciente. O Édipo localiza cada sujeito no seu gênero. O Édipo tria a multiplicidade da sexualidade polimorfa e perverso-polimorfa; ele ajuda a recalçar. Teremos um declínio nunca perfeito, nunca completo. Declina e, depois, em certos momentos, uma espécie de ressurgimento ocorre.

Para Figueiredo a universalidade do Édipo esta relacionada à maioridade emocional e intelectual em ambos os sexos. Comenta que, segundo Loewald, esse acesso passa por: a) Parricídio - destituir a autoridade, enfrentar para assumir este lugar. A culpa originada é suportada, não rapidamente evacuada e transformada em reconciliação. Esta figura representada no parricídio é preservada através da internalização, através de um superego que faz a função de parametrizar a vida do sujeito; b) Separação clara e firme entre o campo das identificações primárias, que chama de sagrado (internalização da autoridade), e o campo das relações de objeto, onde as pulsões são exercitadas, domesticadas (autonomia, individuação, profano). Profano e sagrado estarão em constante conflito, nunca será perfeita essa separação. Ninguém está livre das relações incestuosas, e não é para estar. Elas têm que ser toleradas sem tomar conta do cenário; c) Ligação entre a travessia do complexo de Édipo e o período pré-edípico. A questão pré-edípica é determinante de como o sujeito entra e atravessa o Édipo; d) Incompleto declínio do Édipo como condição para o desenvolvimento psíquico em todos os humanos e na sua saúde mental.

Luís Claudio Figueiredo comenta que o complexo de Édipo está em declínio devido a uma evolução clínica e a uma evolução no processo de subjetivação, que vem mostrando a importância do pré-edípico. Isto faz com que os psicanalistas tenham que lidar com pacientes com falhas mais regressivas decorrentes das falhas do pré-edípico. Isto vai trazer reflexos na travessia do Édipo. Mas, as perspectivas em relação ao complexo de Édipo estão mudando, o declínio é ameno, o ressurgimento é abrupto e inesperado. Os pais tem que ser mortos, temos que agradecer a eles, e agradecer reparando, criando. O superego é herdeiro do complexo de Édipo, é estrutura resultante do parricídio, representa toda a culpa quanto à reconciliação-reparação por apossar-se da autoridade. Os vínculos, lutas, conflitos edípianos fazem parte da separação-individuação.

Para finalizar utilizo Luís Claudio Figueiredo, comentando que, ao longo da travessia do Édipo, ocorrerá a luta entre separação e individuação, reeditada também ao longo da vida. O superego é importante na formação da estrutura psíquica e representa algo final no processo de separação-individuação.

## **Referências**

FIGUEIREDO, Luís Claudio. Complexo de Édipo. Transcrição: Francisco de Assis Duque. Aulas da disciplina "Leituras desconstrutivas de textos psicanalíticos", Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Psicologia Clínica, PUC-SP, 20--, 4ª e 5ª aulas. 1 arquivo em pdf.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu (1912). Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIII.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. VII.

FREUD, Sigmund. O ego e o id (1923). Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIX.

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo (1924). Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIX.

LAPLANCHE, Jean. Sexual. Porto Alegre: Dublinense, 2015.